

***A república dos corvos: literatura, tradição e história
em diálogo***

***A república dos corvos: literature, tradition and history
in dialogue***

Orison Marden Bandeira de Melo Júnior*
junori36@uol.com.br
Universidade Cidade de São Paulo

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de analisar a personagem Vicente do conto *A república dos corvos*, que intitula a coletânea, de José Cardoso Pires (1988). Diante disso, não se propõe a fazer uma análise do conto em si, mas dessa personagem instigante, irônica e carnalizada. Por meio de uma análise da simbologia do corvo tanto em textos bíblicos quanto na literatura ficcional, busca mostrar a história da morte de São Vicente a partir da tradição católica e a sua importância para a própria história de Lisboa. Diante disso, foi possível perceber que, ao fazer uma obra de ficção com base em uma lenda que se tornou história, o autor estabelece relações dialógicas entre literatura, história e tradição, centradas na figura do corvo, cujo nome é homônimo de São Vicente.

PALAVRAS-CHAVE: (São) Vicente. *A república dos corvos*. Literatura. História. Tradição católica.

ABSTRACT: This article aims to analyze the character Vincent from the short story *A república dos corvos* [*The republic of the ravens*], which entitles the short story collection, by José Cardoso Pires (1988). Due to this focus, it does not intend to analyze the short story *per se*, but this enticing, ironic, and canivalized character. By examining the symbology of the raven in biblical texts and in fictional literature, we seek to present the history of Saint Vincent's death, based on the Catholic tradition and its importance to the history of Lisbon itself. Therefore, it was possible to note that the author, as he created a fictional work based on a legend that became history, established dialogical relations between literature, history, and tradition, centered in the character of the raven, whose name is homonymous to Saint Vincent.

KEYWORDS: (Saint) Vincent. *A república dos corvos*. Literature. History. Catholic tradition.

* Mestre em Literatura e crítica literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professor de Letras da Universidade Cidade de São Paulo (UNICID)

Introdução

“São Vicente, para ser São Vicente e entrar na História como entrou, teve necessidade de dois corvos para o acompanhar que, por sinal, lhe foram sempre fiéis até hoje” (CARDOSO PIRES, 1988, p. 9). Inicia-se, assim, o primeiro conto da *República dos Corvos* (1988), que dá título à obra, de José Cardoso Pires, escritor português que, embora nascido em São João do Peso, viveu a maior parte da sua vida em Lisboa, cujo santo padroeiro é São Vicente, mártir da Igreja Católica do século IV d.C.

Sendo autor de vários romances como *O hóspede de Job*, *O Anjo Acorado* e o *Delphim*, de várias coletâneas de contos como *Os Caminheiros* e *Outros Contos* e *A República dos Corvos*, além de várias crônicas, ensaios e peças de teatro, Cardoso Pires distinguiu-se pelo “amplo aproveitamento da tradição oral e escrita do conto popular português, tradição que chega a alargar-se à (...) literatura medieval” (TORRES, 1977, p. 215). E é dessa tradição histórica no primeiro conto *d’A República dos Corvos* com a qual este trabalho se ocupará.

1 São Vicente: história e tradição em diálogo

A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* ([19-]c), volume XXXV, relata a história de martírio de São Vicente no início do século IV d.C, resultado da perseguição do imperador romano Gaius Aurelius Valerius Diocletianus. Diocleciano, ao incentivar o culto aos deuses antigos, “empreendeu aquela que é conhecida por alguns historiadores eclesiásticos como a penúltima grande perseguição empreendida pelo Império Romano contra o Cristianismo: foi a ‘era dos mártires’” (ANICETO, 2010). Na Ibéria, o delegado imperial Daciano fez cumprir os éditos do Imperador e, sob seu domínio, Vicente de Saragossa foi torturado e morto em Valência.

De acordo com documento disponibilizado pelo Departamento dos Bens Culturais da Igreja intitulado *Vicente de Saragoça, diácono e mártir*, antes de morto, o Bispo Vicente fora submetido a vários tormentos, objetivando a sua renúncia à fé cristã. Seu corpo foi, portanto, rasgado com garfos de ferro e deitado em um leito incandescente; ele foi, ainda, colocado num calabouço pequeno no qual, com os pés

presos em cepos de madeira, não conseguia deitar. Com a morte de Vicente, Daciano mandou que seu corpo fosse levado ao campo a fim de ser comido pelas feras e aves de rapina, mas, com o insucesso da empreitada, ordenou que fosse, então, colocado em um saco com uma pedra pesada e lançado ao mar. Entretanto, mesmo assim, o corpo, destinado às profundezas dos mares, foi encontrado na praia em Valência por alguns cristãos locais e colocado debaixo do altar de uma basílica, hoje a Igreja de São Vicente de la Roqueta.

Antes de se dar continuidade à história do traslado do corpo a Portugal, é necessário analisar o relato da tradição que perpassa o que já foi, até agora, descrito. No volume VII da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* ([19-]a), lê-se que, conforme a lenda, quando Daciano enviou o corpo de São Vicente ao campo para ser comido por feras e aves, um corvo o protegeu de tal tragédia¹.

Segundo a tradição, ainda, a proteção divina continuou mesmo quando ele foi encontrado em Valência. Diz-se que Deus confiara a dez corvos a guarda do corpo de São Vicente. Mas esses ainda não são os dois corvos mencionados por Cardoso Pires na introdução do seu conto. É necessário continuar, pois ainda há mais corvos nessa história.

A permanência do corpo de São Vicente em Valência só foi interrompida em meados do século VIII, com a invasão muçumana. No volume XXXV da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* ([19-]c), encontra-se, ainda, que “os cristãos valencianos (...) resolveram trasladá-lo por mar para o Algarve e depositaram-no no promontório Sacro, que, por isso, veio a chamar-se Cabo de São Vicente” (p. 102). As relíquias do Santo só saíram daquela Igreja, que era, por muitos, chamada de *Igreja do Corvo*, quando D. Afonso Henriques mandou buscá-las em uma barca e as depositou, no dia 15 de setembro de 1173, na capela-mor da catedral da Sé em Lisboa. Esse traslado foi cantado por Camões no canto III, estrofe 74 dos *Lusíadas* ([19-]), que diz:

E depois que do *martyre* Vicente
O Santíssimo corpo venerado
Do Sacro promontório conhecido
À cidade Ulisséia foi trazido (p. 123)

¹ Essa proteção foi representada por M.C. Escher em *Saint Vincent Martyr* em 1925. Cf. <https://www.wikiart.org/en/m-c-escher/saint-vincent-martyr>. [Acesso em 10 jan. 2012].

De acordo com os relatos lendários sobre esse traslado, havia dois corvos no navio que levava São Vicente a Lisboa. Esses são, finalmente, os dois corvos mencionados no início do conto de Cardoso Pires (1988). As aves se colocaram um à proa e outro à popa do navio, voltados ao interior dele, velando pelo santo. Essa imagem é encontrada tanto no brasão quanto na bandeira de Lisboa.

Segundo, ainda, a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* ([19-]b), a insígnia da cidade era, “em tempos remotos (...) simplesmente um navio, com dois corvos, um à proa, outro à ré” (p. 201). Em 1897, a Câmara de Lisboa recebeu o alvará e carta de concessão de uso do seu brasão, que continuou a usar a imagem do galeão com os dois corvos, um à proa e outro à popa, e da sua bandeira, com seu brasão no centro, tremulando o Santo padroeiro da capital portuguesa protegido pelas duas aves². Dessa forma, a lenda dos corvos é dignificada na própria história da cidade de Lisboa, e um diálogo se estabelece entre lenda e história.

2 O Corvo: o epicentro do diálogo

O narrador do conto cardosiano *A república dos corvos* caracteriza o corvo como uma ave muito convivente e enigmática, possuidora de agudeza e “independência no trato que toda a gente lhe reconhece” (CARDOSO PIRES, 1988, p. 9). Ele refere-se, ainda, à *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* ([19-]a), que o qualifica como “velhaco e ladrão” (CARDOSO PIRES, 1988, p. 9). Segundo o volume VII da referida enciclopédia, os corvos são fáceis de serem domesticados e ensinados a pronunciar palavras; “são velhacos e ladrões, mas, até certo ponto, são úteis” (p. 837). Até certo ponto, já que não matam apenas roedores nocivos, mas destroem aves úteis e plantações.

Deixando o seu aspecto zoológico de lado, é necessário considerar, também, o seu valor simbólico. Na Bíblia, por exemplo, o corvo é apresentado em situações que lhe dariam características contraditórias. Em primeiro lugar, o corvo faz parte dos animais na arca de Noé e é escolhido para averiguar se as águas do dilúvio já haviam baixado. Em Gênesis 8: 6-7 (1994, p. 34), lê-se que, “ao cabo de quarenta dias, Noé (...) soltou o corvo, que voou, indo e voltando, até as águas deixarem a

² É possível ver o brasão de Lisboa no site da Câmara Municipal de Lisboa [Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/municipio/camara-municipal/brasao>. Acesso em: 10 jan. 2012].

descoberto a terra firme”. Para Chevalier e Gheerbrant (1994), o corvo torna-se, diante desse fato, um símbolo de perspicácia. Já no terceiro livro da Bíblia, *Levítico* (1994), o livro das leis, no capítulo 11, versos 13 e 15, encontram-se as diretrizes de Deus a Moisés e a Arão, seu irmão, acerca dos animais que os hebreus podiam ou não comer. Entre as aves que “não devem ser comidas, são proibidas”, estão “todas as espécies de corvos” (LEVÍTICO, 1994, p. 173). Entretanto, o mesmo corvo que fora considerado abominação, proibição, foi o responsável pela alimentação do profeta Elias, que, ao prever uma grande seca, recebe de Deus a promessa, em 1 Reis 17:6, de que eles lhe trariam “pão e carne de manhã; pão e carne à tarde” (PRIMEIRO LIVRO DOS REIS, 1994, p. 530).

Além dessas características do corvo encontradas em relatos bíblicos, a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* ([19-]ja) revela, ainda, o lado profético da ave para os gregos antigos e o ominoso para os romanos, chegando “os seus augures a distinguir 74 variações no grasnar do corvo” (p. 836). Não é à toa, portanto, que Edgar Allan Poe se apropria desse lado vaticinador do corvo ao escrever o seu famoso poema *The Raven* (*O Corvo*).

De acordo com High (1991), em *The Raven*, escrito em 1845, um jovem infeliz pondera sobre sua sorte, buscando saber se jamais veria a sua amada Lenore, que morrera. Na primeira estrofe do poema, ele se debruçava sobre os livros:

From my books surcease of sorrow – sorrow for the lost Lenore –
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore –
Nameless here forevermore (POE, 2002, p. 773).

Para esquecer (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiais –
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais,
Mas sem nome aqui jamais! (PESSOA, 1976, p. 179)³.

Ao ouvir o som de alguém batendo à janela, o jovem abre a vidraça e, para sua surpresa, uma ave negra, sem nenhum cumprimento ou sem parar por momento algum, simplesmente pousa sobre o busto de Atenas e diz: “Nunca mais”. Nunca mais o jovem veria a sua amada – esse era o vaticínio proferido pelo corvo:

³ A tradução utilizada do poema *The Raven* é de Fernando Pessoa (1976). A sua tradução desses versos deixa fora o nome da amada – Lenore.

What this grim, ungainly, ghastly, gaunt, and ominous bird of yore
Meant in croaking “Nevermore” (POE, 2002, p. 775).

Esta ave negra e agoreira dos maus tempos ancestrais,
Com aquele “Nunca mais” (PESSOA, 1976, p. 179).

Essa tradução de Fernando Pessoa (1976) oculta alguns adjetivos com os quais o corvo é caracterizado pelo jovem, que o declara ser sombrio (*grim*), desajeitado, deselegante (*ungainly*), horrível, medonho (*ghastly*) e magro (*gaunt*). Nela, aparece apenas a sua característica agoureira (*ominous*) desde os tempos ancestrais, confirmando a visão romana acerca da ave.

O lado profético do corvo é ressaltado em um verso que é repetido na décima quinta e décima sexta estrofe, que diz:

Prophet!, said I, thing of evil! – prophet still, if bird or devil! (POE, 2002, p. 775).

Profeta, disse eu, profeta – ou demônio ou ave preta! (PESSOA, 1976, p. 181).

Nesse verso, novamente, o jovem reconhece que, mesmo sendo uma coisa do mal (*thing of evil*), o corvo tinha o seu lado profético, quer ele fosse apenas uma ave ou o próprio demônio (*if bird or devil*).

Outra personalidade famosa que usou a figura do corvo foi Miguel Torga, um dos grandes escritores portugueses do século XX. O autor lusitano escreveu um conto intitulado *Vicente*, que se encontra numa coleção de contos chamada *Bichos* (1970). Nesse conto, o corvo tem o nome de Vicente, assim como o corvo d'A *República dos Corvos* (1988). Aliás, como lembra o narrador cardosiano, “Vicentes eram todos os corvos que havia nesta Lisboa” (CARDOSO PIRES, 1988, p. 14).

Torga utiliza a história do dilúvio bíblico como pano de fundo para a sua ficção. Vicente é, portanto, aquele corvo que foi solto por Noé para averiguar se as águas haviam baixado para que todos pudessem sair da arca. Enquanto o corvo bíblico vai e volta por não achar terra seca, o corvo torquiano, “calado e carrancudo, andava de cá para lá numa agitação contínua, como se aquele grande navio onde o

Senhor guardara a vida fosse um ultraje à criação” (TORGA, 1970, p. 127). Revoltado, questiona o porquê daquele infortúnio dos bichos, pois “que tinham que ver os bichos com as fornicações dos homens, que o Criador queria punir?” (TORGA, 1970, p. 127).

Vicente resolve, movido por aquela revolta, “abrir as asas de encontro à imensidão do mar” (TORGA, 1970, p. 128) e fugir da arca; no entanto, ao escolher a liberdade, ele teria de arcar com todas as conseqüências do seu ato. Vicente consegue, então, ir para o cume de um monte, sem saber se as águas diminuiriam: “(...) era aquele corvo negro, molhado da cabeça aos pés, que, calma e obstinadamente, pousado na derradeira possibilidade de sobrevivência natural, desafiava a onipotência” (TORGA, 1970, p. 128). O corvo torna-se irredutível na sua decisão, e o Criador, para salvar a sua própria criação, rende-se àquela irredutibilidade e fecha as comportas do céu.

Dessa forma, enquanto o corvo de Poe vaticina um futuro sem esperança a um jovem cuja única alegria seria ver a amada mais uma vez, o de Torga busca por uma esperança de liberdade e desafia o próprio Criador, que, para não destruir sua criação, resolve ceder aos caprichos de Vicente.

E o Vicente cardosiano? Será ele um amálgama de todos os corvos já vistos até agora, ou terá ele uma característica peculiar imputada pelo narrador d’A *República dos Corvos*?

3 O Vicente carnavalizado n’A *república dos Corvos*

O narrador do conto de Cardoso Pires (1988) declara que o seu corvo também se chama Vicente, que, mesmo tendo nome de santo, pertence a uma das últimas tabernas de Lisboa. Sendo “taberneiro por convivência com o dono, conhece todas as velhacarias do vinho e como, ainda por cima, é ateu praticante, a conversa do Santo Vicente e dos corvos de Lisboa fá-lo virar as costas, enjoado” (CARDOSO PIRES, 1988, p. 12).

São Vicente, para ser São Vicente e entrar na História como entrou, teve necessidade de dois corvos para o acompanhar que, por sinal, lhe foram sempre fiéis até hoje. Ora, duma ave como esta, tão convincente e tão enigmática, conta-se muita coisa. A própria Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, depois de muitos rodeios,

afirma que o corvo é velhaco e ladrão, e isto, bem entendido, com a devida consideração pela agudeza e pela independência no trato que toda a gente lhe reconhece.

“Caguei para a Enciclopédia”, diz o Corvo. E para comprovar alça a cauda e, zás, despede um esguicho de caca esbranquiçada. Caca esbranquiçada numa criatura tão negra é que ninguém esperava (CARDOSO PIRES, 1988, p. 9.)

Na taberna onde tem guarida, o Corvo Taberneiro é provocado por vários fregueses, com a história do brasão de Lisboa, brasão esse, como já visto, que engrandece a lenda do traslado de São Vicente com a proteção dos dois corvos. Eles, com o objetivo de atormentá-lo, descrevem

[...] o esqueleto do mártir São Vicente a chegar a Lisboa, por inteiro e muito compostinho, numa barca guardada por dois corvos, consoante se pode ver no brasão da cidade. Dois corvos, um à proa, outro à ré, foi nesse preparo que o santo arribou no Tejo, dizem eles, e isso depois de ter navegado uma data de séculos pelos mares da eternidade (CARDOSO PIRES, 1988, p. 13).

Vicente já está cansado dessa lenda dos dois corvos históricos. Ele se sente, ainda, saturado de ver os corvos desenhados por toda a cidade, de ver a cidade de Lisboa fazendo a lenda parte da sua história e, conseqüentemente, da memória do seu povo.

Está farto de corvos históricos, está farto da barca do São Vicente que anda a navegar de boca em boca sempre que se fala de Lisboa, está farto de a ver por toda cidade com aquelas duas aves desavergonhadas, desenhadas em estandartes, talhada na pedra dos chafarizes públicos, reproduzida em porta-chaves e em guias turísticos, recortada em chapa de ferro nos candeeiros das avenidas engalanadas. Farto dessa fantochada, pois então, fartíssimo. Por outro lado, como corvo legítimo que é, acha uma realíssima estupidez terem-lhe posto aquele nome, Vicente para aqui, Vicente para ali, Vicentes eram todos os corvos que havia nesta Lisboa, ora merda (CARDOSO PIRES, 1988, p. 14).

Para comprovar a veracidade das afirmações de Vicente, basta que se faça uma visita à capital portuguesa (presencial ou virtual) e se conheça a Igreja de São Vicente de Fora e o monumento de São Vicente, segurando uma barca com os dois corvos (REIS, 2001). Aliás, para o corvo cardosiano, “Lisboa é uma república de

corvos, tem estórias de corvos a dar com um pau” (CARDOSO PIRES, 1988, p. 25). E mesmo quando não há corvos, parecem ser vistos em todos os lugares. Esse é o caso da galinheira, personagem que vende ovos e criação e mora ao lado da taberna. Ela, que raramente sai de casa, diz ter visto o corvo pintado no teto do Palácio de Sintra. O corvo ofendido sabe que, no referido palácio, há pegas e “confundir duas personalidades tão distintas revela, com as devidas desculpas, uma lamentável ignorância (CARDOSO PIRES, 1988, p. 21). Vicente fica, assim, muito desgostoso porque não queria ser comparado a outras aves, mesmo que fossem corvídeas.

No entanto, a imagem que todo lisboeta tem do corvo protetor que velou as relíquias de São Vicente é retomada no conto quando Vicente encontra a galinheira morta na sua cadeira de balanço. O corvo “desata (...) então a grasnar, arremessando-se de salto contra as paredes, contra o tecto, contra as aves degoladas que se alinham ao fundo da sala” (CARDOSO PIRES, 1988, p. 26).

Por fim,

[n]um golpe, finca as garras no alto do espaldar da cadeira e desata a gritar por socorro.

Vem gente, vem polícia, vem o bairro, mas ele, Corvo, não despega. De bico afiado e a bater as asas mantém-se à cabeceira da defunta, não consentindo que ninguém lhe toque e lançando, num cracrá aflitivo, a mais íntima e pessoal de todas as suas vozes.

Dizem que ainda hoje lá está. Fim (CARDOSO PIRES, 1988, p. 26)

Vicente, à cabeceira da morta, não permite que ninguém lhe toque. Essa visão do corvo, não despegado da defunta, remete, novamente, à imagem dos dois corvos que não se apartaram das relíquias de São Vicente, fincando suas garras na barca, um à proa, outro à ré, permanecendo lá, até hoje, não só na memória, mas na arquitetura do povo ulissiponense.

Considerações Finais

O primeiro conto d'*A República dos Corvos* de José Cardoso Pires relata a história do Corvo Taberneiro Vicente, que, mesmo cansado de ouvir tantas histórias de corvo em Lisboa, inclusive a história dos dois corvos que protegeram as relíquias de São Vicente quando seu corpo foi trasladado para Portugal, vê-se, também, protegendo a sua amiga, a Galinheira, durante a sua morte, para que ninguém lhe

toque, “lançando, num cracrá aflitivo, a mais íntima e pessoal de todas as suas vozes” (CARDOSO PIRES, 1988, p. 26).

Vicente demonstra, apesar da rebeldia, a sua qualidade de protetor, revelada desde os relatos bíblicos dos corvos que alimentaram Elias até a lenda daqueles que protegeram o corpo de São Vicente. A história da capital portuguesa confirma e dignifica, assim, a lenda dos corvos protetores do Santo, e Cardoso Pires, em toda a sua genialidade, traz para a ficção a lenda que se fez história em Lisboa. “Decididamente, nesta cidade embalada em lendas tudo é fábula de museu” (CARDOSO PIRES, 1988, p. 25).

Por fim, é importante ressaltar que este conto permite um diálogo entre literatura, história e tradição: o conto é embasado na lenda dos corvos protetores de São Vicente, que, por sua vez, torna-se história da própria cidade de Lisboa. Ao ironizar⁴ essa lenda por meio de um corvo, também chamado Vicente, que, de ser santo, está muito longe, a narrativa carnavaaliza símbolos tradicionais tanto da história quanto da própria tradição católica por meio de um corvo farto tanto da tradição quanto da própria história de Lisboa.

Fiorin, ao apresentar alguns conceitos-chave da obra de Bakhtin, explica que a literatura carnavaalizada

[...] ocupa-se do presente e não do passado mítico; não se apóia na tradição, mas critica-a e opta pela experiência e pela livre invenção; constrói uma pluralidade intencional de estilos e vozes (mistura o sublime e o vulgar; usa gêneros intercalares, como cartas, manuscritos encontrados, paródias de gêneros elevados, citações caricaturadas, etc.). Nela, a palavra não representa; é representada e, por isso, é sempre bivocal. Mesclam-se dialetos, jargões, vozes, estilos... (FIORN, 2008, p. 90).

É essa carnavaalização que provoca o riso, presente em todo leitor que tem o privilégio de ler esse conto, mas não um riso qualquer: um riso “ambivalente: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente” (BAKHTIN, 2010, p. 10). Esse tema, no entanto, fica para um próximo estudo.

⁴ A ironia cardosiana neste conto foi discutida por Rachel Hoffmann, em sua dissertação de mestrado O bestiário humano: a ironia em A República dos Corvos de José Cardoso Pires (2008).

Referências

ANICETO, Ricardo. São Vicente, Diácono e Mártir? Padroeiro da Diocese e Cidade de Lisboa. *Voz da verdade*, Lisboa, 2010. Disponível em: <http://www.vozdaverdade.org/site/index.php?id=878&cont_=ver2>. Acesso em: 07 jan. 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. 7.ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

CAMÕES, Luis de. *Os lusíadas*. 2.ed. Porto: Porto Editora, Ltda, [19-].

CARDOSO PIRES, José. *A república dos corvos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 8.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

CORVO. In: *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. Lisboa – Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Ltda, [19-]a. v. VII. p. 836-837.

FIORIN, José Luiz. Carnavalização. In: _____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008. p. 89-114.

GÊNESIS. In: *Bíblia: tradução ecumênica*. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p. 24-96.

HIGH, Peter B. *An outline of American literature*. New York: Longman, 1986.

HOFFMANN, Rachel. *O bestiário humano: a ironia em A República dos Corvos de José Cardoso Pires*. 2008. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Área de Concentração: Literaturas em Língua Portuguesa) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/94186>>. Acesso em: 07 jan. 2012.

LEVÍTICOS. In: *Bíblia: tradução ecumênica*. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p.160-200.

LISBOA. In: *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. Lisboa – Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Ltda, [19-]b. v. XV. p. 201-202.

PESSOA, Fernando. *Poemas dramáticos, poemas ingleses, poemas franceses, poemas traduzidos*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

POE, Edgar Allan. *The complete tales and poems of Edgar Allan Poe*. Introduction by Wilbur S. Scott. New York: Castle Books, 2002. p. 773-775.

PRIMEIRO livro dos reis. In: *Bíblia*: tradução ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p.498-541.

REIS, Dias dos. Lisboa: Alfama e São Vicente. *PBase photo database*. 2001. Disponível em: <<http://www.pbase.com/diasdosreis/alfama>>. Acesso em: 14 jan. 2012.

SAINT Vincent of Saragosa: deacon and martyr. *Saints' Feastdays*. 2006. Disponível em: <<http://www.magnificat.ca/cal/engl/01-22.htm>>. Acesso em: 07 janeiro 2012.

TORGA, Miguel. Vicente. In: _____. *Bichos*. 7.ed. Coimbra: Coimbra, 1970.

TORRES, Alexandre Pinheiro. Sociologia e significado do mundo romanesco de José Cardoso Pires. In: CARDOSO PIRES, José. *O anjo ancorado*. 5.ed. Lisboa: Moraes, 1977.

VICENTE (S.). In: *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Ltda, [19-]c. v. XXXV. p. 100-103.

VICENTE de Saragoça, diácono e mártir. *Departamento dos Bens Culturais da Igreja*. Disponível em: <<http://www.bcdp.org/v2/images/documentos/s.vicente.pdf>>. Acesso em: 07 janeiro 2012.